



AMÉRICA LATINA NA (IN)DIFERENÇA: latinidades (in)cobertas¹

AMÉRICA LATINA EN LA (IN)DIFERENCIA: latinidades (in)cubiertas

LATIN AMERICA IN (IN)DIFFERENCE: (un)covered Latinities

Fábio do Vale²

Resumo: Este presente artigo propõe a perscrutar, pela via da Literatura Comparada Descolonial, os entre-lugares e entre-corpos que constituem a tessitura crítica da Rota Bioceânica – Brasil, Paraguai, Argentina e Chile –, compreendida como lócus epistemológico de refundação das latinidades silenciadas. Ao retomar a *fortitudo critica* de Enrique D. Dussel e a proposição seminal de Edgar Cézar Nolasco em *Literatura Comparada Descolonial* (2025), argumenta-se que a (in)diferença latino-americana, engendrada pelo *status quo* eurocêntrico, obstaculizou a emergência de diálogos próprios, apagando convergências que já deveriam ser instituídas. Nesse raio fronteiriço, a crítica descolonial instaura-se como peça-motriz de desvelamento das rotas (in)cobertas, tensionando os apagamentos herdados da modernidade e instituindo formas *outras* de convivialidade intelectual. A Rota Bioceânica, mais que corredor geopolítico, deve ser a metáfora de uma circulação de saberes, afetos e críticas que desafia a tradição canônica e instaura a possibilidade de uma fortuna crítica sul-americana. O presente trabalho se ancora nessa visada disruptiva, cujo escopo amplia o debate sobre o filosofar-sendo para além da dialética ocidental, abrindo caminhos de pensamentos capazes de reconstituir as latinidades de paisagens adormecidas

¹ Trabalho parte da pesquisa do projeto ROTA BIOCEÂNICA COMPONDO A INTERNACIONALIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA: um corredor viário socioeconômico, cultural, integrativo e propulsor científico UFMS/PROPP/FUNDECT.

² Fábio do Vale é Diretor Acadêmico da Faculdade Insted. Membro efetivo da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8713-309X>. Email: professorfabioletras@gmail.com.

e de potencializar o lócus epistêmico da América Latina como espaço irradiador de saberes e intelectualidades efetivas no Cone-Sul como inquérito científico comparatista.

Palavras-chave: Literatura Comparada Descolonial; Rota Bioceânica; (In)diferença e Latinidades.

Resumen: El presente artículo propone examinar, a través de la literatura comparada descolonial, los entre-lugares y entre-cuerpos que constituyen la trama crítica de la Ruta Bioceánica —Brasil, Paraguay, Argentina y Chile—, entendida como locus epistemológico de refundación de las latinidades silenciadas. Retomando la *fortitudo critica* de Enrique D. Dussel y la propuesta seminal de Edgar Cézar Nolasco en *Literatura Comparada Descolonial* (2025), se argumenta que la (in)diferencia latinoamericana, engendrada por el *status quo* eurocéntrico, ha obstaculizado el surgimiento de diálogos propios, borrando convergencias que ya deberían haberse instituido. En este radio fronterizo, la crítica descolonial se establece como pieza motriz del desvelamiento de las rutas (in)cubiertas, tensionando los borrados heredados de la modernidad e instituyendo otras formas de convivencia intelectual. La Ruta Bioceánica, más que un corredor geopolítico, debe ser la metáfora de una circulación de conocimientos, afectos y críticas que desafía la tradición canónica e instaura la posibilidad de una fortuna crítica sudamericana. El presente trabajo se basa en esta visión disruptiva, cuyo alcance amplía el debate sobre el filosofar-ser más allá de la dialéctica occidental, abriendo caminos de pensamiento capaces de reconstituir las latinidades de paisajes dormidos y potenciar el locus epistémico de América Latina como espacio irradiador de conocimientos e intelectualidades efectivas en el Cono Sur como investigación científica comparativa.

196

Palabras clave: Literatura comparada descolonial; Ruta Bioceánica; (In)diferencia y latinidades.

Abstract: This article proposes to examine, through Decolonial Comparative Literature, the inter-places and inter-bodies that constitute the critical fabric of the Bioceanic Corridor – Brazil, Paraguay, Argentina, and Chile – understood as an epistemological locus for the refounding of silenced Latinities. Returning to Enrique D. Dussel's *fortitudo critica* and Edgar Cézar Nolasco's seminal proposition in *Decolonial Comparative Literature* (2025), it is argued that Latin American (in)difference, engendered by the Eurocentric *status quo*, has hindered the emergence of its own dialogues, erasing convergences that should already have been established. In this borderline radius, decolonial criticism establishes itself as the driving force behind the unveiling of (un)covered routes, straining the erasures inherited from modernity and instituting other forms of intellectual conviviality. The Bioceanic Route, more than a geopolitical corridor, should be a metaphor for the circulation of knowledge, affections, and critiques that challenges canonical tradition and establishes the possibility of a South American critical fortune. This work is anchored in this disruptive vision, whose scope broadens the debate on philosophizing-being beyond Western dialectics, opening paths of thought capable of reconstituting the Latinities of dormant landscapes and enhancing the epistemic locus of Latin America as a space that radiates knowledge and intellectualities effective in the Southern Cone as a comparative scientific inquiry.

Keywords: Decolonial Comparative Literature; Bioceanic Route; (In)difference and Latinities.

COM-VALIDANDO SABERES: do Atlântico ao Pacífico

O despreendimento conduz para as teorias críticas descoloniais e à pluriversalidade não eurocentrada de um paradigma-outro. Os paradigmas de conhecimentos eurocêntricos (em suas geopolíticas e egopolítica) chegaram a um ponto em que suas próprias premissas deveriam ser aplicadas a si mesmos, desde o repositório de conceitos, visões e energias que foram silenciados ou sequer reconhecidos, durante a marcha triunfal do aparato conceitual docidental.

Edgar Cézar Nolasco. *Literatura Comparada Descolonial*, p. 14.

É sob a égide da *Literatura Comparada Descolonial* que situo este artigo, reconhecendo que a América Latina, e sobretudo o Cone-Sul, vive ainda sob o jugo das amarras epistêmicas forjadas pelo eurocentrismo e pelo pragmatismo estadunidense. A rota que desejo percorrer aqui não é apenas geográfica, mas fundamentalmente crítica, pois o Corredor Bioceânico que une Brasil, Paraguai, Argentina e Chile não se limita ao transporte de mercadorias e capitais, mas deve erigir-se como metáfora da circulação de saberes, afetos e textualidades. Se o caminho físico se constrói em asfaltos e pontes, o caminho intelectual precisa se edificar no entrelaçamento de vozes e corpos silenciados pela modernidade.

197

Retomo, pois, a noção de *fortitudo critica*, para afirmar que esse itinerário precisa ser perscrutado como lócus epistemológico em que se refundam latinidades (in)cobertas. Ao evocar Enrique Dussel e sua filosofia da libertação, vejo emergir a necessidade de um *filosofar-sendo* que não se restrinja ao cânone, mas que brote dos interstícios, das margens e das fronteiras. Esse pensar, ao mesmo tempo encarnado e insurgente, exige-nos romper a clausura da dualidade que historicamente confinou a América Latina a mero apêndice civilizacional.

Reconheço, assim, que a (in)diferença latino-americana, engendrada pelas arquiteturas do *status quo* moderno-colonial, obstaculizou o florescimento de diálogos próprios, eclipsando convergências que já deveriam ter sido instituídas. O eurocentrismo, ao nos considerar sempre como o “outro” deficitário, interditou a possibilidade de reconhecimento mútuo e nos relegou a um espaço periférico, desprovido de centralidade crítica. É precisamente contra essa lógica que este trabalho se insurge.

Ao lançar mão da Literatura Comparada Descolonial (2025)³, encontro em Edgar Cézar Nolasco – e em sua proposição seminal – a peça-motriz de uma crítica que desnuda os apagamentos herdados da modernidade e os converte em instância de criação. Trata-se de instaurar uma crítica que não se limita a denunciar, mas que reconfigura as possibilidades de convivência intelectual. Nesse sentido, a Rota Bioceânica, além de artéria econômica, deve ser compreendida como malha de acesso para o encontro dos intelectuais desses quatro países, cujas universidades carecem de maior diálogo, articulação e coprodução epistêmica⁴.

É necessário enfatizar que não proponho uma mera alternativa dentro do dualismo civilização/barbárie, progresso/atrás, centro/periferia. Antes, defendo a urgência de uma mirada disruptiva que ultrapasse os limites da dialética ocidental, permitindo o convívio entre diferenças sem a obsessão pela síntese ou pela homogeneidade. Assim, a Latinidade, compreendida como experiência viva, deve ser reconstituída não como essência fixa, mas como horizonte móvel, tecido entre corpos, geografias e temporalidades que resistiram ao apagamento.

Com efeito, entendo que o corredor bioceânico, como metáfora e como realidade material, abre a possibilidade de uma fortuna crítica genuinamente sul-americana. É nesse território compartilhado, que se alarga entre o Atlântico e o Pacífico, que podemos tecer um pensamento outro, insurgente e criativo, capaz de reposicionar a América Latina não como espaço subalterno, mas como centro irradiador de saberes, epistemologias e práxis descoloniais.

198

³ Elegi a obra de Edgar Cézar Nolasco (2025) como eixo de reflexão para o presente debate, prestando-me as devidas honras para que seja apreciada pelos colegas intelectuais como proposta de esclarecimento crítico e abastecimento epistêmico, oferecendo subsídios que permitem aprofundar a circulação de saberes e a constituição de diálogos descoloniais no espaço sul-americano.

⁴ A fortaleza fundante desta proposta reside na possibilidade de que os intelectuais do Corredor Bioceânico estabeleçam conexões epistemológicas capazes de articular e consolidar um espaço de circulação crítica, fomentando a constituição de latinidades pensantes. Trata-se de uma aproximação intelectual que não se limita à mera troca de saberes, mas que se inscreve na perspectiva de emancipação crítica delineada por Aníbal Quijano, na qual o reconhecimento das estruturas coloniais do poder e do saber permite a construção de práticas reflexivas e libertadoras, capazes de refundar a centralidade epistemológica da América Latina a partir de seus próprios lócus de enunciação e criação.

Nesta perspectiva, o processo comparatista deve ser encarado não como exercício de justaposição de tradições literárias ou culturais, mas como criticidade lúcida, capaz de evidenciar a (in)diferença e de convertê-la em potência de criação. Comparar, nesse escopo, é desvelar os fios invisíveis que unem os intelectuais sul-americanos, é construir pontes críticas que nos permitam superar as desconexões impostas pela modernidade.

Quero e devo comparar para não parar! Esta proposta é, ao mesmo tempo, política e poética: política, porque reivindica a soberania emancipatória e epistêmica da América Latina diante da Europa e dos Estados Unidos; poética, porque acredita no poder dos encontros, dos atravessamentos e das redes de sentido que se entrelaçam no espaço plural da latinidade. É, portanto, no horizonte da literatura comparada que inscrevo este artigo, como gesto de reexistência e como convite à comunhão crítica entre nossos povos e nossos saberes – em destaque – para com os intelectuais que serão aproximados por esse canal viário com-validando saberes do atlântico ao pacífico.

ROTA BIOCEÂNICA como metáfora epistêmica das latinidades (in)cobertas

199

O Corredor Bioceânico, ao propor uma ligação concreta entre o Atlântico e o Pacífico, apresenta-se como empreendimento logístico de grande porte, voltado inicialmente para o escoamento de produtos em direção à China. Contudo, para além de sua dimensão econômica, abre-se a possibilidade de uma conexão simbólica, cultural e epistêmica inédita entre Brasil, Paraguai, Argentina e Chile. Se por muito tempo a América Latina foi pensada apenas como espaço de exploração e rota de mercadorias, é hora de compreender esse projeto também como metáfora de um trânsito intelectual, capaz de refundar latinidades (in)cobertas.

É sabido que a modernidade nos ensinou a não possuir um sentido pleno de pertença. Diferente da Europa, que consolidou identidades nacionais em torno de um cânone partilhado, ou dos Estados Unidos, que erigiu o mito do “destino manifesto”, a América Latina foi mantida sob o signo da fragmentação. Como bem apontam Aníbal Quijano e Walter Mignolo, essa condição não é natural, mas resultado da colonialidade do poder e do saber, que nos destinou a ocupar um lugar periférico, incapaz de articular convergências críticas próprias.

Por isso, a rota que agora se desenha deve ser lida para além da lógica mercantil. Se o comércio conecta portos, estradas e mercados, a crítica descolonial deve conectar intelectuais, universidades e literaturas. Enrique Dussel já nos advertia que o filosofar desde a América Latina exige superar a clausura eurocêntrica e pensar desde os oprimidos da história. Nesse horizonte, o Corredor Bioceânico torna-se metáfora de uma travessia que vai além da infraestrutura: é o gesto de refundar⁵ epistemologias a partir das margens.

Nessa perspectiva, a proposta de Edgar Cézar Nolasco em *Literatura Comparada Descolonial* (2025)⁶ é central. Para Nolasco, o comparatismo deve abandonar a lógica meramente acumulativa de influências e ressonâncias, assumindo o papel insurgente de uma crítica que denuncia apagamentos e, ao mesmo tempo, constrói novos espaços de convivência intelectual. O corredor, aqui, pode ser visto como essa peça-motriz de trânsito de saberes que se deslocam não apenas pela economia, mas pelo compromisso de (re)tecer a colcha de retalhos da modernidade.

Ainda que não fosse uma intelectual descolonial, a pesquisadora Eneida Maria de Souza, ao problematizar a noção de intertextualidade, já nos lembrava que os textos se constituem no diálogo com outros textos, ainda que sob o signo do apagamento. Pensar a América Latina pela chave da (in)diferença significa recuperar esses diálogos silenciados, propondo um comparatismo que não seja

200

⁵ A rota bioceânica não se restringirá a uma engenharia de conexões territoriais e comerciais; mais decisivo será o enlace das massas críticas intelectuais desses quatro países, cujo entrelaçamento anuncia uma rara oportunidade de (re)lançamento das nossas latinidades como bandeira epistêmica e cultural, afirmando-nos não apenas como espaço geopolítico, mas como horizonte civilizatório em permanente elaboração em nossa América Latina.

⁶ A obra recente de Edgar Cézar Nolasco, *Literatura Comparada Descolonial* (2025), constitui a peça-central desta discussão que aqui apresento, funcionando como eixo intelectual de minhas reflexões. Este livro, que referencia parte do meu labor acadêmico, oferece uma atualização crítica sobre os desdobramentos comparatistas no Brasil e serve como elucidação das práticas de desprendimento necessárias para a articulação entre os demais países da rota bioceânica. A partir de sua proposta, o entrelace das massas críticas sul-americanas e a afirmação das nossas latinidades como horizonte epistemológico tornam-se caminhos possíveis. Registro, nesse ínterim, minha gratidão pela correspondência intelectual de Nolasco, ao mencionar meu trabalho, reconhecendo assim a circulação de ideias que brotam-das-bordas e se consolidam em proposições contemporâneas de pensamento descolonial.

subserviente, mas inventivo. O Corredor Bioceânico pode ser lido como o espaço físico onde esses textos, vozes e corpos finalmente se encontram sem a tutela do cânone hegemônico.

O intelectual argentino Facundo Giuliano, em sua proposição recente de uma filosofia da libertação atenta às novas lutas sociais, reforça que é no espaço fronteiriço que a crítica latino-americana deve encontrar seu vigor. A rota, ao unir territórios tão diversos, encarna esse caráter fronteiriço: não é apenas o elo entre oceanos, mas a afirmação de que os espaços periféricos podem se transformar em centros de criação crítica, desde que se recuse a lógica homogeneizante da modernidade.

Nesse mesmo liame, o também argentino Walter Mignolo, ao falar da “desobediência epistêmica”, propõe que apenas ao romper com a matriz colonial de poder podemos vislumbrar outras formas de conhecimento. O Corredor Bioceânico, nesse sentido, torna-se oportunidade de exercitar essa desobediência: em vez de apenas transportar produtos destinados à China, pode instaurar a circulação de saberes que nunca tiveram visibilidade na história global. A estrada, aqui, é metáfora e denúncia: se o comércio cria dependências, a crítica cria emancipações.

201

Por boa criticidade contemporânea, destaco Silviano Santiago⁷, que em sua noção seminal de “entre-lugar”, já antecipava que a experiência latino-americana não é de pura marginalidade, mas de criação constante no espaço das fronteiras. O corredor, mais do que uma estrada, configura-se como um grande entre-lugar, no qual os intelectuais podem revisitá-las suas tradições, dialogar sem subordinação e ressignificar suas pertenças. Assim, o que nos foi ensinado como ausência de identidade transforma-se em potência de múltiplas identidades.

Esse trânsito crítico não pode ser reduzido a uma síntese harmonizadora. Como insiste Dussel, essa criticidade que propomos é o movimento de ouvir o

⁷ Silviano Santiago propõe o conceito de *grafias-de-vida* como prática crítica e literária que permite ao povo latino expressar-se a partir de suas próprias experiências, memórias e realidades epistemológicas, rompendo com os cânones eurocêntricos e valorizando a singularidade de suas trajetórias históricas e culturais. Trata-se de um gesto de enunciação que reconhece o entre-lugar como espaço de criação, no qual a narrativa latino-americana não se subordina a padrões externos, mas se afirma como produção de sentido a partir da própria vida social, política e cultural.

outro a partir de sua exterioridade, não para dissolvê-lo em uma totalidade, mas para reconhecer sua alteridade como fonte de saber. O Corredor Bioceânico, se pensado descolonialmente, é o espaço dessa escuta: ouvir o Paraguai desde o Brasil, ouvir o Chile desde a Argentina, ouvir o Cone-Sul desde si mesmo, sem mediação de um centro europeu ou estadunidense.

A condição de (in)diferença que nos marcou precisa ser ressignificada. Por séculos fomos vistos⁸ como atraso, exotismo, promessa sempre inacabada. Mas se essa indiferença apagou nossas convergências, ela também nos deixou o desafio de inventar diálogos próprios. A rota, nesse sentido, é ocasião histórica: pela primeira vez, quatro países se unem em uma malha viária única, capaz de articular tanto mercadorias quanto ideias. Cabe à crítica descolonial transformar essa conexão física em comunhão intelectual.

Não se trata de romantizar o comércio, mas de reconhecer sua ambiguidade. Se, de um lado, ele reafirma a lógica capitalista global, de outro, cria brechas de contato que podem ser revertidas em trocas emancipatórias. Como lembra Quijano, a colonialidade sempre se renova, mas também sempre abre espaços de resistência. O Corredor Bioceânico é um desses espaços: nele circulam tanto o capital como o pensamento insurgente que pode questionar as hierarquias impostas pela modernidade.

202

Nesse contexto, a literatura latino-americana não é mero reflexo, mas potência de reinvenção. Ao percorrer o corredor simbólico entre o Atlântico e o Pacífico, ela se refaz pela “receita” própria que não obedece ao plano cartesiano impositivo. Eneida de Souza⁹ e Nolasco nos lembram que o comparatismo

⁸ Convém recordar, ainda que com certa tensão, que por séculos a Europa — e, mais recentemente, os Estados Unidos — relegaram os intelectuais latino-americanos ao papel de meros receptores passivos de ideias, quando não os invisibilizaram por completo, recusando-lhes o estatuto de produtores legítimos de pensamento. Tal postura, travestida de universalismo, nada mais foi do que a reafirmação de um eurocentrismo e de um norte-americanocentrismo que, em essência, nos escantearam do grande diálogo das humanidades, como se a lucidez crítica fosse monopólio do Norte Global.

⁹ Tenho plena consciência de que a intelectual Eneida Maria de Souza não se inscreve, enquanto crítica, na perspectiva descolonial; contudo, é imprescindível percorrer os debates e reflexões por ela propostos, com a devida reverência ao seu legado, para que seja possível atingir a criticidade descolonial que ora se propõe, reconhecendo sua contribuição fundamental como ponto de passagem e diálogo para a constituição de novos horizontes epistemológicos na América Latina.

literário deve ser movimento criador, e não repetição submissa. A estrada torna-se metáfora do texto que se alonga, que se conecta, que reexiste no encontro das diferenças.

Assim, pensar a Rota Bioceânica como metáfora crítica é romper com a visão tradicional da América Latina como apêndice. Como defende Mignolo, não queremos mais ser reconhecidos como margem, mas como centro de um paradigma-outro, pluriversal, não eurocentrado. O que a geopolítica projeta como corredor de exportação, a crítica descolonial pode converter em rota de refundação das latinidades.

Silviano Santiago nos recorda que sempre estivemos no “entre-lugar”, vivendo da tradução, da adaptação e da criação híbrida. Agora, porém, esse entre-lugar pode tornar-se um espaço deliberado, consciente, assumido como potência de criação e não como déficit. O Corredor Bioceânico não é apenas geografia: é um convite para que o Cone-Sul reconheça sua própria centralidade.

Deve-se – de maneira emancipatória - debater que a América Latina precisa, descobrir sua colcha de retalhos, não como sinal de precariedade, mas como signo de pluralidade. Se a modernidade nos impôs a indiferença, cabe à crítica descolonial revelar a (in)diferença como potência. O corredor que liga Atlântico e Pacífico deve ser compreendido não só como rota de produtos, mas como caminho de encontros, no qual os intelectuais latino-americanos se reconheçam como tecedores de uma fortuna crítica própria, insurgente e libertadora.

203

O Corredor Bioceânico, concebido como via de escoamento de produtos em direção à China, revela-se mais do que mera infraestrutura logística; ele encarna, simbolicamente, a possibilidade de uma travessia epistêmica que atravessa fronteiras materiais e cognitivas, instaurando um percurso que conecta corpos e saberes historicamente silenciados. Ao transportar mercadorias, a rota paradoxalmente evidencia a persistência do eurocentrismo, que nos moldou como periferia, enquanto simultaneamente oferece a oportunidade de refundar a circulação de latinidades, abrindo espaço para a emergência de diálogos que antes eram impedidos pelo cânones global e pela hegemonia das epistemes do Norte.

Ao percorrer essa malha viária, vislumbro a metáfora do “Negócio da China” não apenas como transação comercial, mas como vetor de interconexão cultural e intelectual. Nesse contexto, o corredor se torna ponte crítica, permitindo que universidades e centros de pesquisa do Brasil, Paraguai, Argentina e Chile

estabeleçam uma comunicação direta, uma circulação de ideias que desafia a narrativa de subalternidade e a lógica de dependência epistemológica. É neste entre-lugar que a visão de Nolasco se impõe como peça-motriz de uma teoria que concebe o comparatismo descolonial como ferramenta de mobilização intelectual.

A crítica descolonial¹⁰ que aqui se inscreve entende que a experiência latino-americana não pode ser interpretada sob a lente do cânone dominante, que nos silencia como espaço periférico e exótico. Ao contrário, as literaturas e epistemologias do Cone-Sul revelam tensões, corpos e afetos que reivindicam presença e visibilidade¹¹. Ao percorrer o corredor físico, os saberes transitam e se transformam, incorporando as feridas históricas que macularam nossas latinidades, transformando a estrada em espaço de memória, resistência e criação crítica, em que o pensar-sendo se encarna nas práticas e nas palavras dos intelectuais que atravessam fronteiras.

A circulação de mercadorias, ao aproximar portos e cidades, encontra paralelo na circulação de corpos pensantes que, através de encontros e diálogos, podem rearticular a Latinidade. O “Negócio da China”, em sua dimensão mercantil, torna-se pretexto para o deslocamento de concepções críticas, permitindo que a Rota Bioceânica funcione como catalisador de uma fortuna crítica emergente, capaz de contestar a dicotomia centro/periferia e de instalar uma lógica de coprodução de saberes, em que o Sul Global se antecipa como protagonista de seu próprio paradigma.

204

¹⁰ Convém salientar que a perspectiva descolonial aqui adotada não se propõe a negar ou apagar a modernidade, tampouco rejeitar os aportes civilizatórios que ela trouxe em diversos campos do saber. Pelo contrário, reconhece-se a modernidade como matriz histórica e estruturante de relações sociais e epistemológicas. Entretanto, na América do Sul, ela não constitui nosso ponto de partida epistemológico; ao invés disso, a descolonialidade se apresenta como lente crítica que permite refundar latinidades, reordenar saberes e articular práticas culturais e intelectuais a partir das experiências, corpos e territorialidades sul-americanas, deslocando-se da centralidade eurocêntrica e articulando trajetórias que historicamente foram marginalizadas.

¹¹ Trata-se de uma consciência científica que não se reduz à análise objetiva, mas que se tempera com sensibilidade cultural, reconhecendo que o percurso das literaturas e epistemologias do Cone-Sul exige simultaneamente rigor teórico e abertura para os afetos, memórias e experiências históricas que constituem a materialidade das latinidades. A travessia intelectual aqui proposta combina método e vivência, ciência e cultura, para pensar criticamente as dimensões do saber em seus múltiplos interstícios.

É nesse movimento que a obra de Nolasco (2025) adquire relevância singular, ao propor um comparatismo descolonial que não se limita à justaposição de textos ou à acumulação de influências, mas que instaura criticidade lúcida e disruptiva. A metáfora da estrada como vetor de circulação intelectual evidencia que a modernidade nos impôs uma indiferença que precisa ser convertida em potência de criação. Ao traçar a rota do Atlântico ao Pacífico, reconhece-se que a mobilização crítica exige desprendimento das amarras do cânone e construção de redes de pensamento capazes de articular as experiências locais de maneira coletiva.

Ao comparar, observa-se que a geopolítica impõe o Sul como continente exportador, mas a crítica descolonial mostra que a exportação de ideias, culturas e linguagens é igualmente possível. Os corpos e textos que se deslocam pelo corredor não reproduzem a hierarquia dos centros, mas reivindicam sua própria centralidade. Nesse sentido, o corredor bioceânico não é apenas espaço físico, mas lócus de experimentação intelectual, onde a crítica sul-americana se manifesta em sua plenitude, fazendo do trânsito de mercadorias também um gesto simbólico de emancipação.

A dimensão simbólica da rota evidencia que a circulação de saberes não é neutra. Ao percorrer os territórios conectados pelo corredor, os intelectuais experimentam uma presença crítica que escapa à vigilância do cânone global, reconfigurando relações de poder epistêmico. Assim, o corredor torna-se malha de correspondência entre universidades, centros de pesquisa e laboratórios culturais, permitindo que o conhecimento, antes fragmentado e marginalizado, se reorganize como matriz de latinidades (in)cobertas, abertas à pluralidade e à insurgência de múltiplas temporalidades.

205

Ao estabelecer essa analogia entre comércio e circulação intelectual, reconhece-se que a Rota Bioceânica permite visualizar os efeitos da modernidade sobre nossas culturas e epistemologias, evidenciando como a economia global e os fluxos mercantis impuseram ritmos, prioridades e valores que apagaram vozes. Contudo, a mesma estrutura que poderia consolidar dependência econômica transforma-se, sob o prisma descolonial, em oportunidade para a criação de uma rede crítica sul-americana, onde os saberes transitam e se entrelaçam em novas cartografias do pensamento.

A perspectiva comparatista proposta por Nolasco é fundamental para que essa travessia não se limite a analogias metafóricas, mas se converta em ação

intelectual concreta. Ao deslocar o eixo do olhar crítico do Norte para o Sul Global, evidencia-se que o ato de comparar não é mera justaposição de textos ou culturas, mas instrumento de refundação das epistemes locais. Comparar é, nesse sentido, mobilizar criticidade, estabelecer relações entre diferenças históricas e culturais, e transformar o corredor bioceânico em rota de coprodução de conhecimento.

A metáfora do “Negócio da China” assume, portanto, contornos poético-criticos: ao mesmo tempo que simboliza a força econômica do Atlântico-Pacífico, insinua a possibilidade de circulação de corpos, textos e afetos que reivindicam protagonismo na história global. Cada quilômetro percorrido pelo corredor torna-se espaço de leitura e escrita da própria Latinidade, um entre-lugar em que os corpos bradam pelo reconhecimento de suas experiências e feridas, e onde as epistemologias locais desafiam a lógica de marginalidade imposta pela modernidade.

Essa mobilização crítica implica reconhecer que a periferia imposta pela modernidade é também oportunidade de insurgência. Ao aproximar intelectuais de diferentes países sul-americanos, o corredor cria instâncias de diálogo que extrapolam a lógica do lucro ou da produtividade mercantil, permitindo o nascimento de redes críticas que articulam literatura, sociologia, filosofia e linguagens artísticas. O “Negócio da China”¹² deixa de ser apenas economia e torna-se metáfora de circulação de saberes insurgentes, que reconstroem, a partir do Sul Global, a centralidade da América Latina.

206

Ao compreender o corredor como espaço de emergência de saberes, evidencia-se que o ato de comparar exige ruptura epistemológica. Não se trata de reproduzir hierarquias ou de buscar homogeneidade, mas de reconhecer a potência dos interstícios, das margens e das fronteiras. A estrada, ao conectar portos e cidades, simboliza o entre-lugar no qual corpos e ideias se encontram,

¹² Este trecho convoca a atenção para a necessidade de (des)britanizar práticas reguladoras e normativas que, historicamente, conformaram a América Latina como periferia. O Corredor Bioceânico, ao aproximar intelectuais, corpos e saberes das bordas, subalternidades e fronteiras, inaugura um espaço de insurgência epistemológica, onde as lógicas de marginalidade impostas pela modernidade são tensionadas e transformadas em potência criativa e emancipatória. Trata-se de reconhecer que a circulação de saberes produzidos localmente constitui um vetor de centralidade intelectual sul-americana.

confrontam-se e coproduzem novas formas de conhecimento, insurgindo contra o apagamento da Latinidade e contra a indiferença global.

O comércio que chega pela rota não deve ser visto apenas como fluxo de capital; ele é metáfora das possibilidades de circulação crítica. Ao transitar, mercadorias e textos se cruzam, e o que antes era invisível ao cânone global encontra visibilidade. É nesse fluxo que a América Latina, especialmente o Sul Global, pode se reintegrar à história intelectual mundial em termos próprios, afirmando-se não como periferia, mas como locus de criação, crítica e transformação.

As feridas das latinidades, visíveis nos corpos e nas narrativas que atravessaram a colonização e a modernidade, tornam-se, nesse itinerário, fonte de potência e de crítica. Ao percorrer o corredor, os saberes sul-americanos não apenas transitam, mas afirmam-se como resistência, criando uma cartografia intelectual que desafia o monopólio da definição ocidental do que é conhecimento, história e literatura. O “Negócio da China” converte-se assim em metáfora de circulação e emancipação, abrindo possibilidades inéditas para a América Latina.

207

A circulação crítica que emerge do corredor bioceânico transforma o ato de comparar em gesto político, estético e epistemológico. Cada conexão entre universidades, centros de pesquisa e laboratórios culturais do Cone-Sul representa um atravessamento do pensamento eurocêntrico, um gesto de reexistência que permite ao Sul Global não apenas produzir conhecimento, mas validá-lo segundo seus próprios termos, sua própria historicidade e suas próprias feridas.

Em detrimento dessa visada emancipatória, a rota que liga Atlântico e Pacífico deve ser percebida como espaço de insurgência e criação. O comércio¹³ que tradicionalmente nos marginalizou abre, paradoxalmente, vias de encontro entre intelectualidades sul-americanas, permitindo que a crítica descolonial

¹³ Aqui enfatiza-se que a circulação crítica pelo corredor transcende meros fluxos mercantis e adentra o terreno da coprodução de conhecimento. Comparar, nesse sentido, significa romper hierarquias impostas e validar saberes das margens como legítimos, insurgentes e epistemicamente fundantes. O entre-lugar da estrada, portanto, converte-se em espaço de diálogo, resistência e invenção, propondo que a América Latina assuma sua própria centralidade cognitiva, ao invés de reproduzir modelos estrangeiros de homogeneização cultural e epistêmica.

transforme cada quilômetro percorrido em trama de saberes, afetos e práticas críticas, insurgindo contra a indiferença e refundando a Latinidade em sua densidade material e simbólica.

O título deste artigo, de início provocativo, não é mero artifício retórico: constitui-se como gesto epistemológico de crítica e invenção. Ao lançar mão dos parênteses em “(in)diferença” e “(in)cobertas”, instaura-se uma leitura que tensiona a gramática da percepção e a história da experiência latino-americana, propondo que o pensamento, para ser fecundo, não se repita mecanicamente sobre os mesmos ingredientes. Se os elementos epistemológicos e históricos forem apenas reproduzidos, jamais será possível extrair novos sentidos; é na disposição dos vazios e preenchimentos – no espaço entre o “in” e a “diferença”, entre o “in” e o “coberto” – que a América Latina pode vislumbrar o voo de sua emancipação intelectual, social e cultural. Assim, o trocadilho estético não é capricho, mas exercício de descolonização do olhar, convocando-nos a desviar da dicotomia eurocêntrica que historicamente nos confinou à periferia dos saberes e da filosofia.

Ao percorrer o Corredor Bioceânico, que une Brasil, Paraguai, Argentina e Chile, reconhece-se que não se trata apenas de infraestruturas e estradas, mas de malhas de circulação de saberes, afetos e experiências. Este corredor funciona como metáfora potente: se o comércio pode transportar mercadorias, a crítica descolonial desloca intelectuais, possibilitando que os corpos e pensamentos latino-americanos se encontrem e se reconheçam. Darcy Ribeiro já nos alertava para a necessidade de compreender a América Latina em sua complexidade, não como agregado de civilizações importadas, mas como espaço vivo, que abriga culturas em sobreposição e grafias-de-vida que demandam ser lidas, reinterpretadas e assumidas por quem nelas habita. O corredor, nesse sentido, é a avenida por onde se hasteia a bandeira de nossas latinidades, conectando territórios e saberes antes mantidos à margem.

208

A (re)significação¹⁴ dos conceitos, palavras e símbolos da experiência latino-americana é tarefa urgente. Paulo Freire, em sua pedagogia do oprimido,

¹⁴ ⁵ A (re)significação dos conceitos, palavras e símbolos latino-americanos, à luz da pedagogia crítica de Paulo Freire, evidencia que a circulação de saberes não é apenas tarefa intelectual, mas gesto de emancipação. Inserir o Corredor Bioceânico como lócus de diálogo é reconhecer que o

ensinou que a alfabetização não é apenas ler letras, mas ler o mundo; por extensão, pensar a América Latina exige decodificar os apagamentos, as distorções e as invisibilidades impostas pela modernidade e pelo eurocentrismo. É nesse interstício – entre o que foi e o que ainda precisa ser – que a gramática da (in)diferença revela seu potencial: ao colocar em parênteses o prefixo de negação ou limitação, evidencia-se que aquilo que parece ausente é, na verdade, potência adormecida. O Corredor Bioceânico, físico e simbólico, permite, portanto, a circulação desses saberes e a emergência de diálogos que refutam o cânone como instância única de verdade.

Silviano Santiago nos alerta para o valor do “entre-lugar”¹⁵: os intelectuais latino-americanos vivem, escrevem e pensam entre culturas, línguas e histórias, e é nesse interstício que se manifesta a possibilidade de uma crítica efetivamente sul-global. Ao percorrer o corredor, as universidades e centros de pesquisa desses quatro países se tornam pontos de contato, de convergência e de criação. Não se trata apenas de intercâmbio acadêmico, mas da materialização de uma visão de mundo na qual a América Latina deixa de ser vista como apêndice periférico e passa a assumir protagonismo na produção de saberes descoloniais. O (in)visível, o (in)coberto, o (in)diferença¹⁶, todos os parênteses tornam-se ferramentas para ler e escrever novas histórias.

209

O trocadilho estético, nesse contexto, é instrumento de crítica e criação simultaneamente. Ao utilizar os parênteses, destacamos as lacunas, tensões e

Sul Global pode construir seus próprios paradigmas, tornando visíveis os saberes historicamente silenciados e inaugurando o start epistêmico de um fluxo de conhecimento Sul-Sul.

¹⁵ O conceito de “entre-lugar”, proposto por Silviano Santiago, serve como alerta crítico para a necessidade de pensar a América Latina desde seus interstícios culturais, linguísticos e históricos. O Corredor Bioceânico, ao articular universidades, centros de pesquisa e intelectualidades, oferece espaço concreto e simbólico para que as latinidades deixem de ser periféricas e assumam protagonismo no debate descolonial comparatista, convertendo a circulação de corpos e ideias em potência epistemológica coletiva.

¹⁶ O trocadilho estético e a prática da Literatura Comparada Descolonial, como proposta por Edgar Cézar Nolasco, indicam que a comparação insurgente não é mero exercício acadêmico, mas instrumento de libertação crítica. A rota bioceânica, ao materializar a circulação de saberes e experiências, torna-se metáfora da construção de latinidades pensantes, evidenciando que o Sul Global pode autodefinir suas epistemologias e lançar os fundamentos de diálogos intelectuais permanentes entre os países do corredor.

possibilidades não realizadas; percebemos que a América Latina só pode se afirmar quando se reconhece em sua incompletude e heterogeneidade, sem tentar reduzir-se a modelo importado. A metáfora da culinária – onde se misturam ingredientes conhecidos para se obter um sabor novo – é útil: se os mesmos elementos forem repetidos sem deslocamento crítico, o resultado será previsível. Só ao inserir o inesperado, ao brincar com a forma, a língua e a história, é que se obtém a verdadeira inovação epistemológica.

Nesse esforço, a Literatura Comparada Descolonial emerge como lente fundamental. Edgar Cézar Nolasco nos oferece o paradigma de comparação insurgente, que não visa apenas mapear influências, mas denunciar apagamentos e promover o encontro de corpos e ideias em espaço de diálogo crítico. Comparar, nesse sentido, é gesto político e poético: é reconhecer que a América Latina não existe em isolamento, mas em entrelaçamento contínuo, em fluxo de saberes que atravessam o Atlântico e o Pacífico, articulando geografias e temporalidades diversas. A rota bioceânica materializa e simboliza essa circulação, tornando-se ferramenta para a visibilização de latinidades historicamente silenciadas.

A crítica latino-americana, portanto, não pode se restringir ao eco das vozes europeias ou estadunidenses. O Corredor Bioceânico inaugura a oportunidade de estruturar diálogos e convergências que não dependem de canonizações externas. Cada encontro de corpos, cada seminário, cada projeto acadêmico compartilhado funciona como ato de resistência, pois ressignifica as relações de poder epistêmicas e refunda a capacidade de pensar e criar desde a periferia. O trocadilho estético, neste contexto, deixa de ser recurso formal para tornar-se prática política de libertação do conhecimento.

210

A historicidade da América Latina revela que o apagamento das suas latinidades não foi natural, mas imposto. Ao intercalar o “in” nos conceitos de diferença e cobertura, o título do artigo propõe leitura crítica e renovadora: reconhecer o que falta, o que foi negado, o que pode emergir. Essa perspectiva exige que os intelectuais se percebam como sujeitos do seu próprio percurso histórico e epistemológico. O corredor, assim, não é apenas via de escoamento, mas via de emergência de consciências emancipatórias, permitindo que a circulação de ideias reconstitua a centralidade sul-americana.

Ao percorrer o território epistemológico que se estende do Atlântico ao Pacífico, evidencia-se que a América Latina, em sua complexa tessitura de silenciamentos e marginalizações, reclama uma centralidade crítica que somente

pode emergir quando o diálogo entre os saberes do Sul se impõe sobre a narrativa hegemônica. Enrique Dussel, em sua filosofia da libertação, nos alerta que pensar desde a América Latina é romper com a clausura eurocêntrica, acolhendo a alteridade como princípio criador, capaz de refundar¹⁷ as epistemologias locais. Nessa perspectiva, a Rota Bioceânica, mais do que corredor físico, converte-se em metáfora da circulação de ideias, afetos e experiências, lugar onde os intelectuais de Brasil, Paraguai, Argentina e Chile podem engendrar convergências anteriormente invisibilizadas pelo cânone ocidental.

A proposta de Edgar Cézar Nolasco em *Literatura Comparada Descolonial* (2025)¹⁸ revela-se crucial ao nos ensinar que a comparação não se limita a justapor textos ou influências, mas constitui gesto insurgente, capaz de denunciar apagamentos históricos e instaurar espaços de convivência intelectual. Ao transitar pelas margens, pelos entre-lugares e pelos interstícios, essa perspectiva permite que os sujeitos latino-americanos se reconheçam não como periferia, mas como protagonistas de um saber crítico plural, tecido entre geografias, temporalidades e corpos historicamente silenciados. A (in)diferença latino-americana, então, não se apresenta como déficit, mas como potência latente que exige ser desvelada e valorizada.

Walter Mignolo¹⁹, ao conceber a “desobediência epistêmica”, reforça que o rompimento com a matriz colonial é condição sine qua non para a emergência de

211

¹⁷ Romper com a clausura eurocêntrica implica reconhecer a alteridade como princípio criador, permitindo que as epistemologias latino-americanas se refundem a partir de suas próprias experiências e saberes. A Rota Bioceânica, enquanto metáfora, transcende a infraestrutura física e se converte em espaço simbólico de circulação de ideias, afetos e práticas críticas, evidenciando a possibilidade de diálogo Sul-Sul que valoriza as convergências historicamente invisibilizadas pelo cânone ocidental.

¹⁸ A obra de Edgar Cézar Nolasco em *Literatura Comparada Descolonial* (2025) oferece fundamentos para compreender o gesto comparatista como insurgente: ao transitar pelos interstícios e entre-lugares, denuncia apagamentos históricos e cria espaços de convivência intelectual. Tal perspectiva permite que os sujeitos latino-americanos se reconheçam não como periferia, mas como protagonistas de saberes críticos e plurais, revelando a (in)diferença não como déficit, mas como potência a ser desvelada e valorizada no campo descolonial.

¹⁹ Walter Mignolo e Silviano Santiago reforçam a necessidade de desobediência epistêmica e de criação nos entre-lugares, indicando que a ruptura com a matriz colonial é condição para a emergência de redes de saberes que articulem territórios do Sul. O Corredor Bioceânico, nesse

um pensamento alternativo, capaz de se articular em rede entre os territórios do Sul. É nesse gesto de insurgência que o corredor bioceânico se transforma em vetor de circulação de saberes, permitindo que o Atlântico e o Pacífico sejam conectados não apenas por estradas e portos, mas pela coprodução intelectual e cultural. O que a modernidade nos impôs como indiferença histórica, agora, converte-se em oportunidade de inventar diálogos, práticas e epistemologias próprias, descoloniais em sua essência.

Silviano Santiago, ao evocar o conceito de “entre-lugar”, nos recorda que a experiência latino-americana é de constante criação nos interstícios da história e da linguagem. Os intelectuais que transitam pelo corredor materializam essa condição, reconectando saberes e rearticulando a Latinidade em suas múltiplas facetas. O corredor, assim, transforma-se em espaço de resistência crítica, onde o entrelaçamento de culturas, línguas e temporalidades se converte em força propulsora de uma fortuna crítica que emerge do Sul, desafiando a marginalidade imposta e afirmando a pluralidade como princípio estruturante da existência latino-americana.

Eneida Maria de Souza²⁰, ao problematizar intertextualidade e circulação de saberes, mostra que os textos se constituem no diálogo com outros textos, mesmo que historicamente silenciados. Este entrecruzamento de vozes permite perceber que a (in)diferença não é ausência de identidade, mas potência de criação, que se manifesta na capacidade de articular tradições diversas sem subordinação. O corredor, nesse contexto, se insere como espaço simbólico de mediação, onde a circulação crítica de ideias pode reconstruir os laços entre intelectuais do Cone-Sul e promover uma reexistência epistemológica emancipatória. Facundo

212

contexto, transforma-se em vetor de circulação intelectual e cultural, promovendo diálogos, práticas e epistemologias próprias, nos quais a pluralidade e a centralidade latino-americana se afirmam como princípios estruturantes do pensamento emancipatório.

²⁰ Eneida Maria de Souza nos oferece, ainda que não seja crítica descolonial, um ponto de partida imprescindível: a circulação de saberes e a intertextualidade que propõe evidenciam que a (in)diferença não é lacuna, mas potência criativa. No biolócus que habito – entre Brasil, Bolívia e Paraguai – essa leitura assume densidade concreta: o corredor bioceânico pode ser pensado como espaço de mediação e reconciliação crítica, onde a circulação intelectual Sul-Sul promove a refundação das latinidades, articulando tradição e inovação sem subordinação às regras importadas do Norte Global.

Giuliano²¹, atento às novas lutas sociais e à centralidade dos espaços fronteiriços, reforça que é justamente nesses territórios limítrofes que a crítica latino-americana encontra seu vigor. O corredor bioceânico encarna tal caráter fronteiriço, permitindo que países historicamente marginalizados reivindiquem sua visibilidade intelectual e cultural. A metáfora da rota se converte, assim, em gesto poético e político: cada quilômetro percorrido simboliza a travessia da história colonial e a emergência de um pensamento próprio, capaz de dialogar Sul-Sul, longe das imposições do Norte Global.

Darcy Ribeiro²², ao sublinhar a complexidade cultural da América Latina, nos recorda que nossas sociedades não são agregados homogêneos, mas entrelaçamentos de vidas, memórias e grafias-de-vida. O corredor bioceânico, nesse cenário, é a avenida que permite que essas experiências se encontrem, se reconheçam e se valorizem, transformando o que antes era fragmentação imposta em potência criativa compartilhada. Cada encontro de intelectuais e cada espaço de circulação crítica reforça a possibilidade de refundar latinidades (in)cobertas, articulando memórias, saberes e corpos em diálogos de emancipação.

Paulo Freire nos ensina que ler o mundo é condição para transformá-lo. Nesse sentido, a (in)diferença e o (in)coberto não são meros vazios a serem preenchidos, mas possibilidades de reconfiguração crítica. A Rota Bioceânica, ao aproximar países e pensamentos, instaura a oportunidade de transcender a lógica da modernidade colonial, permitindo que o Sul Global se coloque como centro irradiador de saberes, produzindo conhecimento descolonial que se alimenta de

²¹ Facundo Giuliano nos lembra da força dos espaços fronteiriços como lócus de resistência e criação. Ao considerar a tríplice fronteira como extensão viva do corredor, percebe-se que a (des)britanização das práticas reguladoras se impõe como gesto de emancipação epistemológica: cada quilômetro percorrido materializa diálogos críticos, permitindo que países historicamente marginalizados, como Bolívia e Paraguai, acedam à centralidade da produção intelectual e à construção de saberes próprios, descolonizados e conectados com o Sul Global.

²² A noção de Darcy Ribeiro de complexidade cultural e grafias-de-vida se entrelaça com a perspectiva de circulação crítica do corredor bioceânico. Habitar o biolócus fronteiriço ensina que a (in)coberta não é vazio, mas potência de criação compartilhada. O corredor transforma-se em espaço de encontro de experiências, memórias e saberes, oferecendo terreno fértil para que a Latinidade se torne pensante, emancipatória e conectada à crítica sul-americana proposta por Quijano, Dussel e Nolasco, deslocando a autoridade epistêmica do Norte e reconstituindo centralidades locais.

suas próprias histórias, feridas e resistências. O corredor é, portanto, metáfora e prática de emancipação, onde o comércio e a circulação intelectual se articulam como forças complementares.

Silviano Santiago, novamente, ao destacar o entre-lugar, enfatiza que os intelectuais latino-americanos não devem aspirar à homogeneização ou ao mimetismo do Norte, mas à criação de sentidos próprios, reconhecendo a potência do interstício. O corredor bioceânico, nesse contexto, é palco dessa criação: nele, as epistemologias locais se encontram, dialogam e coproduzem novas formas de conhecimento. A (in)diferença, longe de ser obstáculo, torna-se força motriz para a construção de latinidades que reivindicam presença, alteridade e autoridade intelectual.

Ao incorporar as propostas de Enrique Dussel, Walter Mignolo, Edgar Cézar Nolasco, Silviano Santiago, Eneida Maria de Souza e Facundo Giuliano, percebe-se que a crítica latino-americana emerge do Sul como gesto ético, poético e político. O corredor bioceânico, como metáfora e realidade, não apenas conecta territórios, mas ressignifica as relações de poder epistêmico, transformando a circulação de saberes em ato de insurgência, onde a criação intelectual se antecipa à submissão e a América Latina se reinventa como centro de produção crítica.

214

O título do artigo, com seus parênteses estratégicos, não é artifício decorativo, mas gesto de invenção epistemológica. Ao destacar o “in” em (in)diferença e (in)cobertas, busco evidenciar que o que parecia ausência é, na verdade, potência emergente. O corredor bioceânico converte-se nesse sentido em metáfora de emancipação: o espaço físico do Atlântico ao Pacífico torna-se espaço simbólico de refundação crítica, articulando experiências, saberes e corpos em diálogo constante, instigando a criação de uma Latinidade plena, diversa e consciente de sua própria centralidade. Neste final-inaugural, ao circunscrever a circulação de mercadorias e saberes entre quatro países sul-americanos, a conclusão propõe uma leitura comparatista que transcende a mera justaposição de tradições, transformando o corredor bioceânico em símbolo de uma prática intelectual efetivamente descolonial. É neste itinerário que a América Latina encontra sua voz, não para ecoar o Norte, mas para afirmar sua alteridade, refundar suas epistemologias e instaurar diálogos Sul-Sul que, como Dussel pressagiou, são condição para que o continente se reconheça como espaço produtor de saberes e de latinidades emancipadas, (in)cobertas mas repletas de potência e de história.

REFERÊNCIAS

DO VALE, Fábio; NOLASCO, Edgar Cézar. ARQUIVIVÊNCIA NOS ENTRE-LUGARES DA CRÍTICA LITERÁRIA. **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, v. 2, n. 26, p. 211-227, 2021.

DO VALE, Fábio. Teorizações contemporâneas: descolonização como ponto de partida latino-americano. **Ñemityrā**, v. 3, n. 2, p. 10-12, 2021.

DO VALE, Fábio. EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA NA AMÉRICA LATINA. **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, v. 1, n. 27, p. 37-54, 2022.

DO VALE, Fábio. LITERATURA COMPARADA. **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, v. 1, n. 30, p. 111-133, 2024.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016.

GIULIANO, Facundo; BERISSO, Daniel. Educación y decolonialidad: aprender a desaprender para poder re-aprender Un diálogo geopolítico-pedagógico con Walter Mignolo. **Revista del IICE**, n. 35, p. 61-71, 2014.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

NOLASCO, Edgar Cézar. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). **Cadernos de estudos culturais**, v. 7, n. 14, 2015.

NOLASCO, Edgar Cézar. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas. **Cadernos de estudos culturais**, v. 1, n. 19, 2018.

NOLASCO, Edgar Cézar. *LITERATURA COMPARADA DESCOLONIAL. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*. Editora Pontes, 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais—Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso**, p. 107-126, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult.** Editora UFMG, 2019.

215

Artigo Recebido em: 31 de agosto 2025.

Artigo Aprovado em: 03 de setembro de 2025.